

## Para que serve a História? O que faz o historiador?

BOSCHI, Caio César. **Por que estudar História?** São Paulo: Ática, 2007. 72p.

Júlio César Vígíni da Costa\*

A obra - Por que estudar História? - de Caio César Boschi, professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais e professor na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, constitui-se no resgate do sentido de se estudar História e tem como objetivo trazer reflexões que são preciosas a essa área do saber e do saber escolar. Por que estudar História? Questão tão freqüente nas aulas de História levam o autor a pensar e buscar, não respostas, mas uma reflexão que possa nos auxiliar a questionar o mundo, da mesma forma que Bittencourt (2006:11) também discute e propõe em suas reflexões sobre o por que de se estudar História.

O Caio Boschi objetiva refletir o porquê de se estudar a História e quais as características desse estudo em nossa possível compreensão do mundo, que encontra diálogo também nas reflexões de Karnal (2004) mais diretamente ligadas à sala de aula de História e às práticas dos professores.

O livro de Boschi divide-se em cinco capítulos e busca construir o entendimento ou a resposta à pergunta inicial. Dessa forma, o primeiro capítulo intitula-se *O sentido da História*; o segundo, *A História e sua construção*; o terceiro, *O tempo histórico*; o quarto, *Combates pela História* e o último, *Memória e identidade*.

No primeiro capítulo o autor esclarece o significado do termo historicidade e seu sentido na compreensão da História e do mundo. Deixa bem claro que, ao reconhecer a historicidade das coisas, agimos em função de nosso presente, nos orientando para o futuro, o que corrobora diretamente com a concepção de práxis de Vasquez (2007), que busca na análise da relação teoria e prática uma compreensão da atividade humana que forma o homem na medida em que essa relação se torna consciente.

O autor ainda nos indica que a História está presente no nosso dia-a-dia e nos alerta para nossa condição de sujeitos (aquele que transforma as coisas) e também de sermos objeto da História; ela também nos modifica. A História não deve ser vista como ferramenta para encontrar/descortinar apenas questões pessoais, mas também as conjunturais e do passado.

---

\* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduado em História pela Fafi-BH, especialista em Metodologia do Ensino Superior pelo Cepemg/Uemg e em História do Brasil Contemporâneo pelo Uni-BH. Professor do Colégio Loyola/BH.

O autor analisa também a necessidade de nos familiarizar com um conceito muito presente na História: o de multiculturalismo. Ao finalizar o primeiro capítulo, Caio César Boschi faz uma ligação entre a História e a vida e ressalta a necessidade de percebermos as diferenças culturais das pessoas que convivem conosco e o que nos leva à busca de melhor compreensão do conceito de cidadania. Discussão essa contemplada por vários autores e presentes nas aulas de História como, por exemplo, em Pinsky (2003), em sua obra, História da Cidadania.

No segundo capítulo o autor esclarece que a História não deve ser compreendida como uma simples sucessão de fatos interligados, mas sim que ela é uma disciplina em permanente construção e, por estar nesse processo contínuo, não admite uma definição única. Ainda nesse segundo capítulo, Boschi trata de duas questões muito importantes: a primeira, que a História é uma construção e nós somos os sujeitos que a constroem; e a segunda, que o conhecimento histórico está sendo sempre revisto, não é estático e nem uno. Ressalta também a produção do saber histórico, as fontes e sua importância no estudo da História, e que também é tema reflexão em Bittencourt (2004).

No terceiro capítulo, a problemática tratada é a do “tempo histórico”, conceito central no estudo desta área do saber. O autor analisa, de forma eficiente e muito clara, a importância da categoria “Tempo” no estudo da História. Boschi discute também as questões de permanência e mudança no processo histórico, além das medidas de tempo.

No quarto capítulo, “Combates pela História” Boschi esclarece a importância da memória e o uso do passado, não apenas como uma lembrança de algo morto, passado e sem sentido. Ao contrário, “o que lembramos e o que esquecemos pode servir à libertação humana, mas também pode contribuir para a servidão, para o domínio de determinados grupos.” (BOSCHI, 2007:51) Também em Oriá (2006) encontramos essa mesma preocupação, da memória e o ensino de História. Sua preservação e utilização como fonte de estudo. Assim, o autor nos alerta para a necessidade de uma postura reflexiva e crítica diante não só das fontes, mas de nossa própria prática pedagógica e cotidiana. Nesse capítulo é reservado um item para uma questão relevante ao estudo da História: a invenção do herói. A relatividade do conhecimento histórico é posto em cena nessa discussão. Há um alerta para as distorções das análises históricas de fatos, personagens e documentos. Os heróis podem não ser os mesmos para uma determinada classe em um mesmo período, assim como anônimos podem ser heróis, dependendo do contexto vivido.

No quinto e último capítulo o autor tem como objetivo analisar a memória e a identidade que são conceitos primordiais ao estudo da História e demonstra a atualidade e a pertinência do estudo da História. Ele inicia esse capítulo trazendo à tona a questão atualíssima da Globalização e destaca a História como uma ferramenta que pode nos ajudar

a entender esse fenômeno em níveis locais e nacionais. Questões de grande importância são indicadas para nossa própria reflexão e que podem ser questões que permeiem nossa prática pedagógica e cidadã. São elas: “Como se posicionam os diversos países diante da realidade dos blocos continentais?” “Como explicar que, simultaneamente à formação desses blocos, algumas nações se empenhem em preservar e reforçar tradições locais?” “O que representam as identidades nacionais, coletivas e étnicas?” Portanto, o autor demonstra como a Ciência História pode ser uma ferramenta que pode proporcionar questões para a busca da compreensão da sociedade atual, revisitando o passado e suas fontes de estudo. Nesse capítulo César Boschi esclarece que a busca pela identidade, e pela memória não são ferramentas de exclusão, e sim, de uma busca pelo entendimento do outro, da cultura diversa e sua compreensão na busca por um convívio mais harmônico entre todos. Elaborando um elo com a questão anterior, o autor trabalha em um item a questão do “outro na História”. Nessa seção da obra ele nos esclarece sobre a necessidade de perceber o outro e no outro a diferença e a valorização dessa forma, o multiculturalismo.

O autor nos faz pensar na necessidade das utopias, não no sentido de algo que é inalcançável, mas em algo que se sonha de melhor para a humanidade e que a busca pelo entendimento do mundo pode nos ajudar a entendê-lo, não pelo simples fato do entendimento, mas pela necessidade de melhorá-lo.

A contribuição da obra no estudo da História, na introdução aos estudos históricos e nas reflexões pedagógicas de qualquer nível de ensino é valiosa. Conceitos importantíssimos são trazidos novamente à reflexão. Sua leitura prazerosa e competente escrita dá acesso também ao público do Ensino Médio, além dos demais profissionais interessados em História. Por que estudar História? É uma contribuição importante para o esclarecimento desta dúvida que perpassa muitas práticas educacionais.

## Referências

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber Histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 11-27

KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004.

ORÍÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber Histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 128-147.

PINSKY, Jaime. **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánches. **Filosofia da práxis**. 1ª ed. – Buenos Aires: Consejo

Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO; São Paulo: Expressão popular, Brasil,  
2007.

Recebido em *Maio* de 2009

Aprovado em *Março* de 2010